



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES COM RELAÇÃO ÀS IDENTIDADES GOIANAS NO ENSINO FUNDAMENTAL DE GEOGRAFIA EM GOIÂNIA-2009**

JOYCE DE ALMEIDA BORGES<sup>1</sup>  
MARIA GERALDA DE ALMEIDA<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo objetiva compreender as contribuições do ensino de Geografia na formação de estudantes do ensino fundamental no que se refere à construção e desconstrução de concepções sobre as identidades goianas em Goiânia. Como os alunos concebem o que é ser goiano e o que faz parte de suas identidades? Ao longo dele identificamos os principais elementos geográficos utilizados pelos professores para a construção e desconstrução dos discursos identitários, a principal referência foi a percepção de estudantes e professores. As problemáticas que se pressupõem em torno do tema são de que na contemporaneidade é necessário discutir a diversidade cultural, os conflitos identitários culturais e territoriais para que os estudantes possam se reconhecer enquanto sujeito sociocultural, construindo um ambiente de respeito às diferentes identidades. E ainda, as mídias e o Estado exercem um papel na construção dessas identidades que pode ser analisado pelo ensino de Geografia. Porém, aliar tais temáticas ao ensino de Geografia é um desafio. A princípio foi identificado que os livros didáticos não apontam os referentes temas e nem a realidade cultural goiana em suas interpretações geográficas. Professores e estudantes deram depoimentos sobre essa realidade no ensino de Geografia. Os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do artigo foram leituras, técnicas diretas ao campo, entrevistas, questionários, mapas mentais, relatos e fotos.

Palavras chaves: ensino de geografia, território e identidades goianas.

---

<sup>1</sup> joycealbo@yahoo.com.br

<sup>2</sup> mgdealmeida@gmail.com

## **PEDAGOGICAL PRACTICES AND THE STUDENTS' PERCEPTIONS WITH THE GOIANA IDENTITIES ON THE BASIC EDUCATION IN GOIÂNIA – 2009**

### **ABSTRACT**

This article objectifies to comprehend the Geography education contributions on the formation of the basic education students regarding the conceptions construction and deconstruction about the Goiana identities in Goiânia. How the students conceive what is to be Goiano? And what makes part of their identities? Throughout it we identify the major geographic elements used by the teachers for the construction and deconstruction of the identity speeches, the main reference was the students and teachers perception. The problems that are foreseen around the theme are that in the contemporaneity it is necessary to discuss the cultural diversity, the identity cultural and territory conflicts for that the students are able to recognize themselves as social cultural subject, building an environment of respect to the different identities. And still, the media and the State exert a role in the construction of these identities that can be analyzed by the Geography education. However, allying such thematic to the Geography education is a challenge. At first it was identified that the didactic books do not point the referred themes neither the Goiana cultural reality in their geographic interpretations. Teachers and students gave testimonials about this reality in the Geography education. The methodological procedures used to the fulfillment of this article were lectures, direct techniques in the field, interviews, questionnaires, mental maps, reports and photographs.

Keywords: Geography education, territory and Goiana identities.

### **1 INTRODUÇÃO**

A sociedade atual vive um momento de crise nos aspectos ambiental, política, econômica, e cultural. Ela está embuída de conflitos identitários com violências territoriais físicas e simbólicas. Esses problemas podem ser explicitados ou silenciados pelo ensino de Geografia, entendendo suas causas e conseqüências.

Por isso, existe uma diversidade identitária de significados porque as pessoas se relacionam com o espaço de acordo com sua classe social, etnia, gênero e com as transformações em um dado espaço. Então, de acordo com cada contexto espacial a pesquisa mais adiante vai evidenciar como os discursos identitários sobre Goiás e a diversidade cultural do Estado são apropriados pelos estudantes do ensino fundamental.

Neste sentido, a idéia inicial deste artigo é discutir as identidades territoriais, relacionando-as com o contexto de Goiás. Na segunda parte o objetivo é comentar

sobre as principais práticas pedagógicas utilizadas pelos professores de Geografia na formação dos estudantes no que se refere às construções e desconstruções de concepções ligadas as identidades goianas.

E por fim será mostrado como os estudantes percebem as diferentes culturas presentes em Goiás, no caso dos quilombolas e indígenas, e como aparecem em seu imaginário e no cotidiano as principais representações dos estudantes acerca da cultura goiana. Além disso, foi apontado as principais questões apreendidas pelos estudantes nas aulas de Geografia no que se refere à cultura.

## **2 AS IDENTIDADES TERRITORIAIS**

As identidades em interação com o território e a vivência, se tornam territorialidades. Conforme Bonnemaïson (2002, p. 107): “Territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba, ao mesmo tempo, a relação com o espaço ‘estrangeiro’. Ela inclui aquilo, fixa o homem aos lugares que são seus, e aquilo que o impele para fora do território”.

Podemos afirmar que há um enlace entre territorialidade e identidade. A territorialidade se expressa a partir de sua experiência vivida, sua classe social, seus grupos de convívio, sua etnia, gênero, e aquilo que envolve social e culturalmente os sujeitos, e também a relação com os elementos de ‘fora’.

Arrais (2006, p. 94) baseado em Raffestin (1993) observa que a territorialidade “é uma relação entre atores, expressando uma ligação complexa destes na construção e reconstrução dos seus territórios”. A territorialidade pode ser definida pela influência de um grupo afirmado no território. Ela é uma imbricação entre atores e território.

As identidades são fundadas no território. Segundo Haesbaert (1997, p. 53): “Toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território [...]”. Assim o território é símbolo das identidades e das territorialidades. E concomitantemente a cultura funda o território, que por sua vez funda territorialidades, é uma relação mútua.

Mas nem toda a identidade toma obrigatoriamente o território como referência central, como afirma Bonnemaïson (2002). O mesmo autor (2002, p. 99) classifica como “geossímbolo” a relação entre símbolos e identidades, seja ela de natureza

espacial, cultural, ou social. Essa relação dá significado à organização espacial segundo as recriações particulares de um determinado grupo: “O geossímbolo pode ser um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Há um sentido ideológico que se traduz em significados que são incorporados à identidade social e individual, tais como: vestes, cores, lugares freqüentados, jeito de falar, de se comportar. Enfim, são inúmeros elementos culturais que marcam a cultura e a identidade do grupo social. Esses símbolos também vão marcar os conflitos entre identidades de classes, que atrelam lutas sociais de diferentes grupos identitários. Assim sendo as identidades territoriais por isso estão envolvidas em laços simbólicos e espaciais, constitutivas de ideologia, de poder. Ter identidade é ter força para se opor ao poder, e exercer poder. (WOODWARD, 2000)

Deste modo as identidades estão associadas à resistência, ideologias e defesa de territorialidades, quando vinculadas ao território, pois como debateremos mais adiante a identidade pode ser também simbólica, e não estar expressa necessariamente apenas de forma material. Por isso, as pessoas necessitam legitimar suas identidades, como resistência ou fortalecimento.

As identidades sejam elas coletivas, pessoais, territoriais, de resistência, de projeto, dominantes, sofrem interferência ao longo de tempo no seu processo de formação. Elas estão em transição. As identidades goianas, assim como as outras, sofrem influência de várias identidades, de qualquer parte do mundo, e podem ser interpretadas, discutidas e ressignificadas pelo ensino de Geografia e por cada um dos sujeitos que a envolvem.

Cada grupo dá sentido ao mundo e representa seu modo de vida, suas crenças, seu cotidiano, suas práticas culturais. Por isso, em cada bairro em Goiânia teremos diferentes interpretações do que é viver em Goiás. Inclusive no mesmo bairro, terá estudantes que concebem seu espaço de forma diferenciada.

Para compreender as identidades goianas na contemporaneidade, é necessário buscar pistas que evidencie como se construiu a idéia de identidade no Brasil e posteriormente em Goiás. Porque os sujeitos que vivem no território goiano são frutos de uma história comum, a história brasileira. A história de um país que cria diferentes formas de ocupação territorial e regional, que vai direcionar formas de

organização espacial, e manifestações socioculturais que refletiram na formação de várias identidades regionais, entre elas, as identidades goianas, que serão problematizadas.

## 2.1 IDENTIDADES EM GOIÁS

Segundo Hall (1997) existem estratégias representacionais que são acionadas para construir nosso senso comum sobre o pertencimento ou sobre a identidade nacional. Para criar discursos sobre as identidades em Goiás, o processo não é muito diferente das estratégias do discurso da identidade nacional: é preciso haver narrativas, mitos, invenções, discussões sobre nossa origem, sobre o povo, interesses políticos e econômicos. E para compreendermos como essas identidades foram construídas, e territorializadas em Goiás, é preciso refletir sobre tais discursos. Assim, trataremos de discursos, fatos, invenções, culturas que construíram as identidades em Goiás.

As identidades goianas estão sendo expulsas espacial e culturalmente ao longo do tempo de seus territórios. A começar pelos grupos indígenas Kayapós que foram se refugiar no norte do país, além de várias outras como as Goyá, Apinajés, Kraô, Xerentes, Akroá, Xakriabá, Karajás, Akwê-xavante que foram dizimadas ou assimilaram os hábitos dos brancos, desde o século XVIII. (Teixeira Neto 2005)

Atualmente “reexistem” em Goiás os povos Karajá, localizados em Aruanã, e os Avá-canoeiro, localizados nos municípios de Minaçú /Colinas do Sul, no norte goiano e os índios tapuios em Rubiataba. Nos últimos anos, os Avá-Canoeiros têm sofrido o impacto da hidrelétrica de Serra da Mesa, realizado por Furnas Centrais Elétricas S.A., subsidiária da Eletrobrás, pois a hidrelétrica é vizinha à Terra Indígena Avá-Canoeiro. Além da área inundada de parte da Terra Indígena, a terra é cortada por estradas, e outras obras da hidrelétrica Serra da Mesa. Os Avá-Canoeiros, que já viviam nessa região, após a construção do Lago da UHE da Serra da Mesa, os seis indígenas, moram na reserva indígena e abandonaram atividades como cerâmica, música com flautas, a pintura corporal e a plumária. A utilização de instrumentos e ferramentas de metal ainda é tradicional no grupo. (SILVA, 2009)

Os conflitos do território indígena Avá-Canoeiro, e as práticas culturais dos povos Karajás evidenciam transformações territoriais identitárias que marcam a diversidade cultural de Goiás e a luta territorial e cultural dos povos indígenas. Sobre

as relações híbridas entre indígenas e não indígenas, a mercantilização cultural do Karajá, Lima (2009) destaca a comercialização de artefatos cerâmicos, a produção de boneca em cerâmica, o aluguel de suas terras para estacionamento de carros, a venda de peixes e o aluguel de espaços em praias a disputa pelo território apropriado pelos moradores da cidade e para práticas do turismo; readaptação sociocultural e de sustentabilidade econômica, o vandalismo, alcoolismo, etc.

Além disso, o território goiano, segundo Palacin e Moraes (2001, p. 82) “toda a geografia de Goiás era pontilhada por quilombos, alguns dos quais até nossos dias (Mineiros, Crixás, Campos Belos, etc) sendo uma manifestação da constante luta do negro pela sua liberdade”. A população negra escravizada veio compor uma identidade em Goiás materializada pela presença de quilombolas.

Um dos grupos de remanescentes quilombolas de maior representatividade, que resistem ao norte goiano é o Kalunga. Esse grupo quilombola se estabeleceu às margens do Rio Paranã de negros fugidos das minas e negros alforriados de Arraias, Monte Alegre e Cavalcante na região da Chapada dos Veadeiros em Goiás. Não podemos esquecer de citar a presença de outros grupos quilombolas em Goiás: Almeida (Silvânia), Mesquita (Luziânia), Cedro e Buracão Mineiros, Água Limpa (Cidade de Goiás). (ALMEIDA, 2005)

Segundo Baiochi (2006) Kalungas em bantu é Kalungangombe, um deus angolense, que quer dizer, “Deus das profundezas do globo terrestre”. O calendário dos Kalungas é repleto de festividades, como a “Festa de Santo Antônio” com a “Cerimônia Maior” em que se observa o “Mormaço” do dia em diferentes períodos do ano, e a dança “Suça”, em que as mulheres rodopiam ao som do batuque equilibrando garrafas na cabeça, coçam-se umas nas outras, cantam, em um ritual de pagar promessas. Entre outras festas como Folias, São João, Festa do Divino, celebram a colheita, o plantio.

Este grupo quilombola também apresenta atividades econômicas que dinamizam a região. Produzem artesanatos, doces, bolos em folhas de bananeira, farinha, uma série de atividades que passa a compor a identidade econômica e sociocultural da região.

Desde a colonização em Goiás até a contemporaneidade, as identidades continuam sendo mescladas, exterminadas, enfraquecidas, fortalecidas, transformadas, reinventadas e problematizadas. Sejam elas de resistência, de

dominação, de projeto, como afirma Castells (2000), elas delineiam as principais transformações do território goiano, e marcam novas territorialidades socioculturais.

As identidades em Goiás não se resumem aos indígenas e quilombolas. Os diferentes grupos sociais migrantes, como a colônias de alemães em Jussara, japoneses em Pires do Rio, grupos alternativos, italianos em Nova Veneza, que vivem na Chapada dos Veadeiros, as 17 famílias de judeus em Goiás (Oliveira, 2009), árabes que se instalaram principalmente em Catalão, Pires do Rio, Goiânia e Anápolis (PRUDENTE, 1996), entre outros. Eles delineiam discursos, ações, atividades econômicas, culturais, políticas e conduzem expressividades que caracterizam a formação do povo goiano. O ensino de Geografia pode tanto reproduzir os discursos da mídia, como desmistificá-los e criar contrapontos de interpretação sobre a realidade das identidades goianas.

Goiás é palco de diferentes ocupações territoriais, diferentes atividades econômicas que resultam em várias territorialidades sociais e culturais. As diversas formas de apropriação pelo capital do Cerrado goiano criam diferenças explícitas em todo o território estadual. Porém a mídia ainda privilegia a idéia de “Estado celeiro do Brasil”, “Estado rural”. O Estado não é mais somente agrícola, possui uma região metropolitana que desenvolve atividades urbanas e terciárias de importância nacional.

O processo de urbanização, modernização da agricultura e industrialização, traz modificações culturais de forma impositiva, sem respeitar as diferenças identitárias, o que gera assimilação cultural, principalmente pelas populações do campo, e as minorias étnicas. Isso tem ocorrido também no Nordeste goiano, há áreas isoladas, e áreas que o capital do agronegócio e das usinas hidrelétricas e de outras atividades econômicas tem adentrado e mudado a configuração identitária das paisagens e das culturas. As mudanças e conflitos identitários podem estar acopladas ao ensino de geografia.

O território goiano não possui fronteiras culturalmente delimitadas, uma vez que este influencia os demais estados brasileiros e é influenciado pela cultura de outros estados pela vinda de imigrantes que constituíram todo o espaço goiano. As múltiplas identidades de um determinado território compõem um mosaico em constantes construções e revitalizações, mercantilizadas muitas das vezes pela lógica do sistema capitalista, e sofre influências do mundo global. Assim questiona-

se até que ponto as identidades goianas foram apropriadas pelo capital e reconstruídas pelas ressignificações dos discursos midiáticos e pela força da homogeneização cultural.

Transformações no território goiano, ligadas às transformações do Brasil, podem explicar a fluidez das identidades goianas devido a Marcha para Oeste, à Construção de Brasília, de Goiânia de Palmas, das rodovias, dos lagos hidrelétricos. Essas transformações trouxeram uma nova dinâmica territorial e identitária a Goiás.

O território goiano também é “caipira”, de povos “sertanejos” e “cerradeiros” como afirma Almeida (2008), em “Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo”. A autora tem como referência os Biomas Cerrado e Caatinga para discutir a identidade sertaneja, e afirma que para entender a essência brasileira é necessário entender as dimensões de enraizamento no território sertanejo.

Neste sentido, compreender Goiás, na contemporaneidade, culmina em entender a diversidade identitária goiana, coincidindo também em entender o sertão. Para Braga (2009 p. 23) “O sertão é um espaço criador de símbolos, identidades, valores, e representações que alicerçam a cultura goiana”.

Então, podemos considerar que o sertão é um dos componentes importantes para a formação da diversidade identitária de Goiás. E o Cerrado também, Mendonça (2004), associa Cerrado às identidades goianas ao criar o termo “povos cerradeiros”, para se referir aos habitantes das áreas de Cerrado.

Almeida destaca ainda que as atividades econômicas no sertão podem marcar as identidades goianas. Ela considera que são vários sertões, criados e recriados. Com base em Bassand (1990) a autora demonstra a tipologia dos habitantes sertanejos: os “apáticos” que não se identificam com os interesses locais de onde vivem, os “migrantes potenciais”, aqueles que migram na tentativa de se realizarem pessoalmente, os “modernizadores”, que querem o “progresso”, o que significa se beneficiarem politicamente a qualquer custo. Ainda, os “tradicionalistas” que possuem uma crença na permanência cultural, histórica do lugar de maneira estática, e os “regionalistas” que querem o desenvolvimento local de forma autônoma.

Almeida (2008) sugere quatro principais grupos identitários sertanejos: “os cerradeiros e/ ou gerazeiros”, situados no Cerrado goiano e no norte de Minas

Gerais, vivem do Cerrado de forma singular, e garantem sua sobrevivência principalmente a partir do extrativismo, artesanatos, e ainda se organizam em comunidades pequenas e tradicionais. Os “caatingueiros”, que se encontram na Caatinga brasileira, desde o Piauí até o norte de MG, se dedicam à agricultura de subsistência e ao abastecimento da população urbana local. Também, “os barranqueiros e vazenteiros”, que vivem na região do Rio São Francisco, possuem modo de vida tradicional que pode ser destruído a qualquer momento pela chegada das usinas hidrelétricas, lagoas e alagamentos que põem a baixo d’água a sabedoria e a cultura local. E os “irrigantes modernos” que são os grupos dominantes que se beneficiam da produção de energia.

O ensino de Geografia pode tanto reproduzir os discursos da mídia como desmistificá-los e criar contrapontos com a realidade das identidades goianas. Por exemplo, em Goiás desmistificar a idéia de que a parte do estado que recebeu migração sulista representa desenvolvimento e aquela que recebeu migração nordestina representa subdesenvolvimento.

Embora Santos (2008) afirme que em Minas Gerais os gaúchos conseguem se organizar e conseguir mais financiamentos do que os mineiros, isso não significa dizer que os mineiros também não tenham a capacidade de desenvolver atividades lucrativas. Essa realidade pode ser trazida para Goiás. Por exemplo, o sudoeste goiano possui uma quantidade alta de migrantes do sul do país, mas isso não significa que o “desenvolvimento” da região seja caracterizado pela presença de sulistas. Há outros fatores, como a famílias da oligarquia política juntamente com os grandes latifundiários se unem na implantação do agronegócio na região, os programas de desenvolvimento implantados a custo de capital estrangeiro, enfim.

Ainda a respeito dos discursos criados sobre as identidades goianas tem-se, por exemplo, o Nordeste de Goiás, que se localiza nas microregiões da Chapada dos Veadeiros e do Vão do Paranã. Essa região é estereotipada pela mídia como “bolsão de pobreza”. Há vários “Nordestes goianos”, como afirma Carvalho (2003), em Goiás. Existe a pobreza no Estado todo, em diferentes graus, inclusive no Sudoeste goiano. A idéia proposta pela mídia é equivocada, pois existem espaços contraditórios economicamente tanto no sudoeste quanto no nordeste goiano. O que não dá para classificar uma identidade goiana do sul rica, e outra do norte como pobre.

### 3 O ÍNDIO, O QUILOMBOLA E A CULTURA NA GEOGRAFIA SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES

Para compreender como os estereótipos construídos pela mídia sobre as identidades goianas são assimilados pelos estudantes, fizemos algumas perguntas com relação ao modo de vida dos povos indígenas e quilombolas. Segundo a Reorientação Curricular Estadual de Goiás, o estado precisa estar inserido nas aulas de Geografia do 7º no contexto econômico, político e cultural, isso junto aos conteúdos de Geografia do Brasil e as regiões. Por buscamos compreender se os alunos possuíam esses conhecimentos acerca do estado em que moram.

Essas perguntas foram feitas por meio de questionários, para entender o conhecimento da matriz indígena, e da existência de quilombolas em Goiás, verificando como os estudantes percebem a diversidade cultural goiana. Perguntou-se aos estudantes do 7º ano os nomes dos principais grupos indígenas e quilombolas goianos. Essa pergunta foi feita em 4 das 9 escolas<sup>3</sup> pesquisadas em Goiânia a 100 estudantes. Deles 60% não responderam a pergunta. E 10% afirmaram que não sabem.

30% dos estudantes que disseram saber os nomes dos grupos indígenas, 18% citaram nomes de etnias não presentes em Goiás, como *“tupi- guarani. Kayapós.”* Deles, alguns inventaram nomes míticos *“caipora”* e outras designações como *“pataxó”*.

Quanto a localização dos grupos identitários 75% não responderam. E 10% disseram que não sabem. Os estudantes que responderam sobre a localização dos indígenas, 9% afirmaram que os índios em Goiás estão no Pará, na Amazônia, em Trindade e no Mato Grosso. 5% dos estudantes destacaram a Cidade de Aruanã como a terra do grupo karajá. E um estudante respondeu que os índios estão *“no Memorial do Cerrado”*<sup>4</sup>.

No que se refere às características do modo de vida dos indígenas descritas pelos estudantes, 76% dos estudantes não responderam. E as principais afirmações

---

<sup>3</sup> Escola Municipal Castorina Bittencourt Alves, Escola Municipal Marechal Castelo Branco, Colégio Claretiano, e Colégio Estadual Villa Lobos.

<sup>4</sup> O Memorial do Cerrado é um museu em Goiânia que retrata a história e a cultura do Estado com mostra de animais empalhados, artefatos indígenas, objetos antigos, cidade cenográfica, entre outros elementos.

sobre a cultura indígena citadas por eles foram representações descritas nos filmes e novelas: *“os índios usam umas tangas de folhas, e umas pinturas no corpo todo”*.

Descrevem também que: *“falam a nossa língua, usam roupa e chinelinha fina e não usam roupa e marca, esses trem que nem nós”*. 6% dos estudantes associam o índio a pobreza e a situação de exclusão social. Analisam o vestuário e compara com os brancos, como se não houvesse brancos que usassem roupas “pobres”.

Outras características aparecem atrelando modo de vida ao vestuário e partilha: *“Eles se vestem agora mais adequados, mas ainda moram em ocas e vivem em comunhão”*. Um dos estudantes destaca que o modo de se vestir dos brancos é mais adequado e que os índios assimilaram tal hábito. E ressalta também a vida comunitária como característica da população indígena.

Eles comentaram o modo de vida indígena ligado a pesca, a caça, ao artesanato e preservação de suas tradições: *“Eles seguem sua cultura e suas lendas”*. *“Eles fazem roupa de palha, o modo de vida deles são diferentes, eles vive da caça e da pesca.”*

E ainda: *“Uns vende palha, outros não vendi nada.”* Associam o modo de vida dos indígenas a produção de artesanatos, e instrumentos ligados à palha e elementos da natureza. Eles conseguem associar a produção do artesanato com o modo de sobrevivência desses povos. E 7% dos entrevistados afirmaram frases que remetem a preconceitos com relação a um índio moderno: *“os índios tem até avião hoje em dia.”* *“Eles tem televisão, jogam bola, se parecem muito com os brancos dos dias de hoje”*.

Com relação a possível influência das aulas de Geografia no discurso dos estudantes sobre a cultura indígena podemos notar em 3% dos estudantes: *“Eles lutam pelo seu espaço.”* *“Os índios preservam o meio ambiente”*. Assim, a escola e o ensino de Geografia em Goiânia têm contribuído pouco para desmistificar concepções preconceituosas e mitos identitários, conforme podemos analisar nas falas dos estudantes com relação aos povos indígenas. Verifica-se nos discursos a força da educação ambiental nas aulas de Geografia, e a pouca ênfase as questões culturais. O conceito de cultura entre os estudantes é também associado aos problemas ambientais. Um dos estudantes afirma o que aprendeu nas aulas de

geografia sobre cultura goiana: *“Não jogar lixo nos rios”*. O que denota a ênfase a educação ambiental nas aulas de geografia.

Nota-se que não há uma valorização dos saberes indígenas nas escolas, e quando há é realmente no sentido de apenas afirmar que “Os índios preservam o meio ambiente”. É um discurso ultrapassado como se a condição do indígena da contemporaneidade se resumisse a existência em um paraíso tropical. Apenas dois alunos se referiram aos indígenas na relação às questões de luta por “espaço”.

Quanto à existência dos grupos quilombolas em Goiás 10% dos estudantes citaram os Kalunga. No que se trata ao modo de vida dos quilombolas em Goiás 90 % deles não responderam nada. 5% associam a vida contemporânea dos quilombolas à vida passada dos escravos: *“Eles vivem iguais aos escravos de antigamente, trabalhando”*. *“Eles são pobres e trabalham muito. E quando eles não fazem o serviço direito eles são açoitados”*. *“Eles são muito sofridos , “eles são simples”*.

Com exceção de 5% dos estudantes, todos da Escola Municipal Castorina Bittencourt onde se desenvolveu o projeto “Com raça<sup>5</sup>” os estudantes afirmaram: *“Os Kalunga vivem em comunidade no norte de Goiás”*. *“Os quilombolas plantam, trabalham, fazem festas”*. *“Eles vivem como os negros que moram na roça”*. *“Eles vivem como nós”*. *Eles plantam e produzem alimentos”*. Essas falas denotam a influência das aulas de Geografia e das atividades ligadas aos projetos.

Os alunos responderam se o Cerrado estava relacionado com a cultura. Os estudantes da Escola Municipal Marechal Castelo Branco que visitaram o Memorial do Cerrado 68% responderam sim, influenciam a cultura, mas não explicaram o porquê. 25% disseram que não tem haver, 3% não respondeu, e o restante não sabe. Nas outras escolas os estudantes respondem que o Cerrado não se relaciona com a cultura. Ou seja, o Cerrado ainda continua sendo discutido apenas no aspecto físico, político e econômico.

Com relação aos temas discutidos no ensino de Geografia relacionados à cultura 30% dos estudantes disseram que não aprenderam nada, 8% não sabem o que aprenderam, 4% afirmaram ter aprendido *“muitas coisas”*. Os 52% dos estudantes apontaram temas que aprenderam relacionados à cultura: *“O Cerrado. A*

---

<sup>5</sup> O Projeto Com Raça se desenvolveu nos anos de 2008 e 2009 e teve por objetivo despertar a valorização e o respeito a cultura dos povos negros no Brasil, e minimizar o preconceito racial.

*diferentes culturas. As frutas do Cerrado. Coisas sobre o povo goiano. Que os indígenas lutam pelo seu espaço. Sobre os índios. Que os índios lutam pelo seu espaço. A cultura africana. Aprendi respeitar as culturas”.*

#### **4 O QUE É SER GOIANO PARA OS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Woodward (2004) afirma que os significados das representações “dão sentido aquilo que somos”. Neste sentido, os discursos interferem no processo dinâmico das identidades, e as próprias identidades dão forma às representações, em uma relação dialética. Essas representações podem estar repletas de subjetividade, símbolos, signos, materializadas no território. Isso foi traduzido pelos próprios estudantes.

A pesquisa foi realizada em 9 escolas de Goiânia, entre elas 7 públicas e duas particulares. Foram entrevistados 241 estudantes, entre eles há presença goianos e de migrantes nascidos em outros Estados, e vindos para Goiânia principalmente dos Estados de MA, DF, TO, BA, PA.

Os alunos destacaram o que para eles é ser goiano, apresentando características positivas como: “*é gostar de ajudar aos outros*”, “*é ser trabalhador e gentil*”, “*é ser compartilhador*”, “*é ser amigo*” “*é ser forte.*” Para estes estudantes ser goiano é ter bons princípios, opinião que associa-se à formação religiosa, e essas opiniões apareceram em estudantes de diferentes escolas, não só na Escola Adventista e na Claretiano, ambas escolas com princípios cristãos.

Frases que são construídas e repetidas pela sabedoria popular também aparecem como: “*é ser comedor de pequi*”, “*é ter o pé rachado*”. Eles declaram opiniões também que revelam associação cultura e cotidiano em Goiás, como: “*È aproveitar as festas*”, “*é saber sobre a história de Goiás*”, “*é jogar bola e ir pra igreja*”, “*é comer comidas típicas*”, “*é fazer parte das tradições*”. Ou seja, esses alunos associam a identidade à questão cultural do cotidiano, das festas, das comidas típicas, tradições e da sabedoria.

Uma estudante da Escola Marechal Castelo Branco destaca: “*È ser humilde. Para as pessoas de cidades grandes somos conhecidos como “os caipiras”, porém Goiânia é uma cidade moderna*”. A mídia contribui para reforçar o estereótipo de

goiano caipira, roceiro, ingênuo. Por isso a estudante compra o discurso midiático, e ao mesmo tempo critica essa concepção do que é ser goiano.

Sobre o que é ser goiano os estudantes também repetiram frases ditas pelo prefeito de Goiânia como: *“È ter carinho por Goiânia”, “é ter orgulho de morar em Goiânia”*. Essas frases foram ditas pelos estudantes da Escola Municipal Leonízia Naves de Almeida, que se localiza na periferia da cidade. Alguns alunos desta escola afirmaram terem ido a uma festa promovida pelo prefeito da cidade. Nessa festa eles ouvem essas frases, que são repetidas, também, em entregas de casas, nos programas de assistencialismo entre outras aparições políticas que marcaram o imaginário dessas crianças. Como o prefeito constrói seus discursos para construir uma identidade positiva dos moradores da cidade na qual ele foi eleito, por isso os adolescentes reproduzem essas frases que já são conhecidas pela maior parte da população de Goiânia e de Goiás.

Há frases que também demonstram criticidade, outras demonstram análise espacial do Estado de Goiás, e também fazem referências que associam identidade, à localização e à naturalidade. Elas podem ter influência do ensino de Geografia, como por exemplo, *“é ser roceiro e ser um pouco da cidade”, “é ser respeitado e ter cidadania”, “é ser uma pessoa que nasce em Goiás”*.

Para Massey (2000, p. 185): “os lugares não têm “identidades” únicas ou singulares: eles estão cheios de conflitos internos”. Portanto não é possível delimitar uma identidade única de Goiânia, mas várias, ou de alguns de seus bairros que compõem a cidade, estas se dinamizam e estão embebidas de conflitos entre classes, identidades, desigualdades, acesso a cultura negada, ressignificados e recriados.

O lazer, as festas, o cotidiano, o esporte, as igrejas, entre outras manifestações aparecem em um misto do que é viver em Goiás, e do que para os estudantes fazem parte das identidades goianas. Esses elementos caracterizam o que são as identidades, e dá vida a diversidade plural do Estado. Esses elementos foram especulados para sintetizar o que faz parte do cotidiano dos adolescentes tendo como referência a cidade e os diferentes bairros de Goiânia.

Para Penna (1992, p. 50 e 51) a identidade é formada com base em 4 elementos: a naturalidade, no caso os estudantes nascidos em Goiás; a vivência, o que faz parte de seu cotidiano; a cultura; esta que se evidencia em suas práticas

culturais e a auto-atribuição, no caso quando o sujeito se reconhece como goiano, e possui uma autopercepção sobre esse fato. Esses elementos citados por Penna como formadores da identidade e aparecem nas falas dos estudantes entrevistados.

Tanto para os estudantes nascidos em Goiás como não, eles visualizam a importância de conhecer o espaço em que vivem, e demonstram interesse por isso. Cabe então o professor de geografia criar mecanismos para que isso aconteça, para a construção de sujeitos.

A cultura está intrinsecamente ligada às identidades, como afirma Claval (1999, p. 105): “Como fundamento das identidades, a cultura reúne os homens ou os separa. Quando as pessoas aderem às mesmas crenças, dividem os mesmos valores e associam suas existências a objetivos próximos.” Sendo assim, a idéia é mostrar um pouco da cultura vivenciadas pelas identidades dos adolescentes do ensino fundamental.

Para os estudantes o que faz parte da cultura goiana são as comidas típicas, a história de Goiás, as festas, as danças, a religiosidade, o folclore, o esporte, a música sertaneja, o pagode, o *hip hop*, o lazer, a educação, a culinária, o Cerrado, os pontos turísticos, os artesanatos, a catira, a Pecuária, os costumes, entre outras coisas.

Eles dizem (65%) que onde mais aprenderam que esses elementos fazem parte da cultura foi na escola. Um número de 38% não responderam. E 19% afirmaram que aprenderam sobre a cultura goiana na família e na escola, e o mesmo percentual diz ter aprendido também no Memorial do Cerrado. Outros ressaltaram aprenderam com a mídia, a igreja, a vivência e os amigos coisas sobre a cultura goiana.

A identidade dos estudantes na metrópole pode ser síntese do modo de vida em Goiás, mas possui suas particularidades. As identidades serão interpretadas a partir deste momento, sempre pensadas no contexto do território goiano, do Brasil e do mundo. A vivência em Goiás retrata quem são os sujeitos em Goiás, o que eles fazem, as cidades que visitam, o que buscam nestas cidades, enfim.

As cidades goianas visitadas pelos alunos de Goiânia são: Caldas Novas (50%), Goiás velho (20%), Pirinópolis (10%), e a região metropolitana de Goiânia (10%), como as cidades de Senador Canedo, Aparecida de Goiânia, Goianira, Anápolis, Nerópolis, e outras. A cidade mais visitada por eles é a que é mais

explorada pelo turismo aquático tendo em vistas as águas termais de Caldas Novas. Essa cidade é referência para o Brasil e para o mundo. Geralmente quando se fala em Goiás, as pessoas só se lembram de Caldas Novas como alternativa de turismo. Por isso quando se pergunta aos estudantes sobre o que mais chama atenção nestas cidades alguns se referem ao *“hot park e os clubes”*, principalmente na Escola Adventista, em que os estudantes possuem um poder aquisitivo maior para freqüentar tais espaços.

O que mais chama a atenção dos estudantes nestes lugares é: *“Pescarias, o verde, Cerrado, água quente, cachoeiras, a beleza, os rios, as paisagens, fazendas, o ar menos poluído, frutas, a natureza.”* Aparecem nas falas muitos elementos ligados à natureza como traços da busca por atividades diferentes do cotidiano metropolitano. Os estudantes, como na maioria das pessoas que moram em áreas metropolitanas, buscam as cidades do interior para se aproximarem da natureza.

Outros elementos culturais presentes nestas cidades valorizados pelos estudantes são aqueles ligados a tradição e ao patrimônio cultural histórico como *“as casas antigas, artesanato, as praças, cavalgadas, a história, o tradicional arroz com galinha.”* Isso denota a importância dada às tradições e ao passado. Ao contrário do que a sociedade ao julgar os jovens como parte de uma “cultura presenteísta” que despreza o passado, algumas falas evidenciam o contrário.

Há respostas que remetem a valores, e ao jeito das pessoas do interior, que eles consideram o que mais chama a atenção deles nas cidades: *“o jeito simples das pessoas, o respeito com os outros, o povo, o jeito de falar das pessoas, o jeito de se vestir.”* Eles conseguem perceber diferenças no jeito de se vestir, na fala, no respeito, ou seja, diferenças culturais entre as pessoas que moram no interior do estado com as pessoas da capital. Os alunos percebem as diferenças culturais presentes em Goiás, sob o aspecto visual. Eles observam e relatam os diferentes valores, comportamentos e vestes.

As principais festas visitadas em Goiás pelos estudantes se encontram na tabela 1 e não correspondem as principais festas ditadas pela mídia como “típicas da cultura goiana”:

TABELA 1 – FESTAS GOIANAS MAIS FREQUENTADAS PELOS ESTUDANTES

|                                                       |       |
|-------------------------------------------------------|-------|
| Festa Junina                                          | (27%) |
| Carnaval                                              | (26%) |
| Rodeio                                                | (15%) |
| Festa do Divino Pai Eterno                            | (14%) |
| Procissão do Fogaréu                                  | (6%)  |
| Cavalhadas                                            | (5%)  |
| Festa do aniversário do político Iris Rezende         | (3%)  |
| Festas de aniversários nas casas de parentes e amigos | (2%)  |
| Festa do aniversário de Goiânia                       | (1%)  |
| Festa da Melancia                                     | (1%)  |
| Nenhuma                                               | (1%)  |

ORGANIZAÇÃO: BORGES, J. A. (2009)

Nota-se uma freqüência maior nas festas Juninas, promovidas por escolas e igrejas e no Carnaval promovido pelas prefeituras e empresas. Os jovens freqüentam o Carnaval no interior do Estado onde as prefeituras incentivam bastante esse tipo de festa, o que desconstrói a idéia de que a cultura do Carnaval é “coisa de nordestino e carioca.” Os motivos que levam esses adolescentes a freqüentarem tais festas são: gostam, pela comida, pela dança e pela diversão, também por causa da família, dos amigos, e dos “*gatinhos (as)*”. O que eles mais gostam nessas festividades é a diversão, as danças, a alegria, a música, e “*as mulheres dançando*”.

O ritmo musical mais ouvido por esses meninos e meninas é a música eletrônica (26%), em segundo o *hip hop* (22%), e em terceiro o *funk* (18%). Em seguida outros ritmos (15%) como *rock*, sertanejo, música romântica (internacional), depois o *gospel* (13%) e (6%) música popular, samba, axé, *black music*, e *reggae*.

Os estudantes pertencem a diversos grupos socioculturais, com exceção de 19 % dos entrevistados, que não participam de nenhum grupo. Dos grupos apontados por eles, 47% são vinculados á igreja, 24 % estão ligados ao esporte (futebol e capoeira), e o restante à dança, à música, ao teatro. Nas 9 escolas pesquisadas os lugares mais visitados no bairro de cada uma são ilustrados na tabela 2.

TABELA 2 – LUGARES MAIS FREQUENTADOS NOS BAIRROS

|                                                                                          |                                                                                                         |
|------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Igreja (28%)<br>Feiras (18%)<br>Praça (15%)<br>pizzarias e sorveterias (8%)<br>rua (7%), | parque (6%)<br>escola (5%),<br><i>shoppings</i> (5%),<br>casa de amigos, (4%)<br><i>lan house</i> (3%). |
|------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|

ORGANIZAÇÃO: BORGES, J. A. (2009)

A identidade na metrópole dá a idéia de uniformidade, repetição, padronização, a mistura de convivências, frequência em vários espaços. E ao mesmo tempo como define, Carlos (1996) o lugar passa por uma homogeneização e interferências relacionando com a identidade. As identidades dos jovens em Goiânia se confunde com as identidades da maioria dos jovens das metrópoles do Brasil e do mundo, logicamente com algumas ressalvas e particularidades descritas neste item.

#### 4.1 NAVEGANDO NAS PRINCIPAIS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA EM GOIÂNIA COM O TEMA IDENTIDADES GOIANAS

A Geografia tem contribuído para fortalecer os discursos midiáticos sobre Goiás, ou é instrumento para construção de novas formas de pensar o que é viver neste Estado? Até o presente momento, é possível notar que o ensino de Geografia interpreta parcialmente a pluralidade das identidades territoriais goianas com base em 09 escolas em Goiânia onde foram realizadas entrevistas em 2009.

Com a realização desta pesquisa constata-se que o ensino de geografia tem um papel na construção e desmistificação dos discursos identitários em Goiás. Das 9 escolas pesquisadas, em 5 delas se verificou a preocupação em acoplar ao ensino de geografia a discussão a cerca da diversidade identitária de Goiás.

Na Escola Municipal Castorina Bittencourt percebeu-se o desenvolvimento de projetos ligados à diversidade cultural, desde o PPP a efetivação dos projetos, além de debates sobre a música sertaneja em Goiás, documentário sobre o patrimônio arquitetônico de Goiânia (Art Déco), uso de poesias dos escritores goianos, o uso de textos construídos pelo próprio professor com base em geógrafos goianos, interpretação dos mapas do Estado e das sub-regiões de Goiás, exercícios de

cartografia tendo como referência as cidades goianas, o estudo do Cerrado e das comunidades tradicionais, a geografia física de Goiás.

Nas aulas de geografia da Escola Municipal Prof. Leonísia Naves de Almeida foram desenvolvidas atividades partindo de uma concepção da identidade local, com a construção de vídeos pelos próprios estudantes, filmando a cultura do bairro. Nas avaliações de Geografia observou-se a imagem do bairro da escola, com exercícios de cartografia voltados para a realidade dos estudantes, paisagens do Cerrado, pesquisas sobre as manifestações culturais goianas e uso de poesias e músicas sobre o Estado.

Já a Escola Municipal João Vieira da Paixão a professora de geografia desperta nos estudantes o respeito à valorização de qualquer cultura. Ela desenvolveu atividades ligadas à produção de cartazes e seminários sobre a cultura do Brasil, e ao retratar a região centro-oeste os estudantes pesquisaram sobre a catira, Folias de reis, comidas típicas de Goiás e o Cerrado. Além do uso de fotos e imagens da cidade de Goiânia.

No Colégio Claretiano foi observado os exercícios sobre Goiás denotando maior ênfase a cartografia com uso de mapas do espaço urbano de Goiânia, aspectos físicos do relevo e da vegetação do Estado. A professora solicitou pesquisa sobre a cultura goiana.

E a Escola Municipal Marechal Castelo Branco com o projeto “Redescobrimento de Goiás”, a história e a cultura do Estado. Utilizou-se de pesquisas, seminários, para comemorar o “dia do Folclore” realizou-se aula de campo no Memorial do Cerrado. A idéia do projeto foi ótima, mas a realização da aula de campo no dia do Folclore foi um equívoco, pois seria como dizer que a cultura goiana transformou-se em Folclore.

Nas escolas Colégio Estadual Jardim América Colégio Estadual Parque Amazônia, Colégio Adventista No Colégio Estadual Villa Lobos a conversa e uso de questionários com os estudantes e professores não revelou elementos que denotassem a discussão sobre identidades goianas, Goiás ou cultura.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para dar fechamento a referida pesquisa foi solicitada a construção de mapas mentais representações aos estudantes 241 em Goiânia a fim de entender as diferentes manifestações representacionais acerca da cultura goiana. Nelas, percebe-se uma infinidade de elementos ligados à natureza, à cultura, ao cotidiano, às festas, ao lazer, ao esporte, ao grafite, às comidas típicas, aos monumentos, às etnias, entre outros. Essa diversidade significa que os estudantes remetem à cultura goiana com algo próximo do seu cotidiano e não somente algo colocado pela mídia e pelo Estado, e pelos discursos formados. Eles possuem capacidade para representar sua cultura das mais diversas formas, isso reforça a idéia de que existem várias identidades no território goiano, com diversas concepções e modos de existência.

Porém, parte destes estudantes representou concepções acerca das identidades goianas remetendo a modelos propostos pela mídia televisiva, como as figuras de “Zezé de Camargo e Luciano”, o pequi estereotipado como fruto consumido só por goianos, o modo de ser caipira, entre outras representações.

Contudo essa pesquisa teve como objetivo mostrar o que aconteceu na práxis do ensino de Geografia. As dificuldades encontradas pelos professores em materializar as identidades goianas em sala de aula são apontadas por eles mesmos, o descaso com a educação no que se refere a subsídios materiais para o desenvolvimento das aulas, a má remuneração, e as pesadas cargas horárias são os principais fatores que apontam para a não inserção deste tema junto ao ensino fundamental do espaço brasileiro e goiano do 7º ano.

Deste modo ao findarmos esta pesquisa, podemos fazer algumas conclusões parciais de que as identidades goianas no ensino de Geografia possuem pouca visibilidade, o que reforça os preconceitos já vivenciados por esses povos na história e no espaço brasileiro. E notamos lacunas no ensino geográfico com relação à cultura, o que compromete uma aprendizagem dos territórios de uma forma mais completa, intercalando as abordagens que dão ênfase ao social, o político, o econômico, o físico e o cultural.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de, (orgs). Et all(org). **Geografia e Cultura os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia. Vieira, 2008.

ARRAIS, Tadeu de Alencar. **Goiânia: os discursos no urbano e as imagens da cidade**. Goiânia, editora da UFG, 1999.

BRAGA, Helaine da C. **A identidade sertaneja em Goiás: um estudo a partir dos elos entre Geografia e a Literatura de Bernardo Elis**. Dissertação de Mestrado. IESA: UFG, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. [trad: Klauss B. Gerhardt.] Vol. II. SP. Paz e Terra, 2000.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. [trad. A. L. F. Pimenta e M. C. Afeche Pimenta] Florianópolis. UFSC, 1999.

\_\_\_\_\_. [ET all]. Uma ou algumas, abordagem (ns) cultural (is) na geografia humana? In: SERPA, Angelo. (org.) **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. SP. Hucitec, 1996.

CASTRO, Jânio Roque Barros de. **Desafios e potencialidades da Geografia cultural nos espaços educacionais: uma abordagem reflexiva e propositiva**. Texto publicado nos anais: *VII Seminário Internacional sobre Território y cultura*. 24 a 27 de março de 2008. Goiânia, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia Escolar e a Cidade: ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, SP: Papirus, 2008.  
CUNHA, Maria Pereira. **Apontamentos sobre identidade**. Goiânia, 2006. (texto não publicado)

FONT, Joan Nogué; RUFI, Joan Vicente. **Geopolítica, identidade e globalização**. SP. Annablume, 2006.

HAESBAERT, Rogério; ARAUJO, Frederico Guilherme Bandeira de. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. RJ. Access, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 5ª edição. RJ. DPeA, 2001.

MARINHO, Marcelo Benfica. In: **Projeto de Modernização de Goiás e construção de identidades**. Pág. 83 a 96. Revista da Universidade Estadual de Goiás-Unidade Universitária Pires do Rio-Goiás. V. 2. nº 2. Pires do Rio. Gráfica Pires do Rio, 2007.

MASSEY, Doreen. **Um sentido global do lugar**. In: ARANTES, Antônio. (org). O espaço da diferença. SP: Papirus, 2000.

NETO, Antonio Teixeira. **O Território Goiano: Formação e Processo de Povoamento e Urbanização.** In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (orgs) **Abordagens geográficas de Goiás: O natural e o social na contemporaneidade.** Goiânia: Iesa, 2002. Pág.11-46.

SILVA, Lorrane Gomes da. **Avá-canoeiro: conflitos territoriais no cerrado do norte goiano - a resistência dos bravos.** Goiânia, 2009.

(Recebido em 05.01.2010. Aceito em 20.02.2011)